



Uma proposta de experiência religiosa fundamentada no amor ao próximo, segundo o pensamento de Erich Fromm

A proposal of religious experience based on love of neighbor, according
to the thinking of Erich Fromm

Denis Cotta¹

Resumo: O presente estudo visa apresentar o conceito de experiência religiosa do psicanalista e filósofo alemão, Erich Fromm. Para Fromm, a experiência religiosa deve ser compreendida como um dos caminhos para o aprimoramento espiritual do indivíduo. Como uma das principais características da experiência religiosa, o psicanalista alemão, destaca a capacidade de transcendência do egocentrismo, movimento que favorece uma existência mais altruísta. Como metodologia, este manuscrito se utilizará das seguintes obras: *A arte de amar*, *O espírito de liberdade*, *Psicanálise e religião*, ambas de autoria de Fromm, além de recorrer a trabalhos de comentadores do referido autor. Em suma, pretende-se esclarecer que, a experiência religiosa pode ser entendida como um dos caminhos para a promoção do amor e do auxílio aos necessitados, em outros termos, possibilita a imitação dos atos divinos.

Palavras-chave: Experiência religiosa, Transcendência, Aprimoramento espiritual.

Abstract: The present study aims to present the concept of religious experience of the German psychoanalyst and philosopher, Erich Fromm. For Fromm's, religious experience must be understood as one of the ways for the spiritual improvement of the individual. As one of the main characteristics of the religious experience, the German psychoanalyst highlights the capacity for transcendence of egocentrism, a movement that favors a more altruistic existence. As a methodology, this manuscript will be used in the following works: *The art of loving*, *You shall be as gods*, *Psychoanalysis and religion*, both authored by Fromm's, in addition to using the works of commentators of the author. In short, it is intended to clarify that, religious experience can be understood as one of the ways to promote love and help the needy, in other words, enables the imitation of divine acts.

Keywords: Religious experience, Transcendence, Spiritual Enhancement.

¹ Psicólogo com orientação psicanalítica frommiana. Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas. Contato: cottadenis@gmail.com.

Introdução

De acordo com Fromm (1974), para se compreender a personalidade humana, é necessário primordialmente salientar as particularidades da existência humana, a saber: a questão da debilidade biológica humana e as suas dicotomias existenciais e históricas. Neste sentido, o autor em foco elucida que, enquanto partícipe da espécie humana, o sujeito partilha de elementos próprios de sua espécie, no entanto, ainda é um ser único, ou seja, cada pessoa é dotada de uma personalidade singular.

No que tange à questão da debilidade biológica, o autor supracitado destaca uma certa desvantagem humana sobre os outros animais. Esta crítica se refere à desvantagem associada a uma falta de plasticidade humana, ou seja, o humano é desprovido do instinto de adaptação presente e desenvolvido pelos animais irracionais. Este instinto de adaptação, salientado pelo autor se refere à capacidade dos animais irracionais de se adequar as condições às vezes inóspitas da natureza; e que mesmo sob estas circunstâncias são capazes de sobreviver. Contudo, apesar desta debilidade apontada, a espécie humana, diferentemente dos animais irracionais, é dotada de consciência de si e de sua existência no mundo. Este estado de consciência humana permite ao sujeito retomar questões do passado, vislumbrar a possibilidade do futuro e compreender e se comunicar através de símbolos. Estas particularidades segundo Fromm (1974), podem ser vistas como exemplos de qualidades específicas do ser humano.

Neste sentido, o pai da psicanálise humanista, discorre sobre três dicotomias existenciais do ser humano, sendo a dicotomia existencial primária, a que se revela no ciclo da vida e morte. Para Fromm (1974, p. 43), o homem² enquanto detentor de “[...] consciência de si mesmo, percebe sua impotência e as limitações de sua existência. Ele visualiza seu próprio fim: a morte.” A consciência de si mesmo, de sua racionalidade e de sua impotência frente à morte, causa no homem um sentimento de desequilíbrio constante e inevitável. Assim, de acordo com o pensamento frommiano, o homem diante da face deste desequilíbrio proveniente de sua própria racionalidade, se vê no desafio de desenvolver sua razão e buscar o seu autoconhecimento.

² Quanto à utilização do termo “homem”, Erich Fromm elucida que o uso deste termo se refere à espécie humana, *homo sapiens*. Desta forma, o termo “homem” (que aparece em várias de suas obras), é utilizado de forma ampla, para designar tanto o gênero/sexo masculino quanto o feminino da espécie humana.

A segunda dicotomia existencial se refere à curta duração da vida humana, ou seja, o que tange à autorrealização do indivíduo. Assim, nesta dicotomia o sujeito percebe que não poderá concretizar completamente suas potencialidades, pois o seu tempo de vida é insuficiente, as poucas décadas de sua existência não seriam suficientes para que o sujeito alcance o pleno desenvolvimento de suas potencialidades racionais, emocionais e espirituais. Neste contexto, alguns tipos de pensamentos (religiosos, filosóficos, entre outros) oferecem ao sujeito a ideia de que essa completude poderá ser alcançada no âmbito da pós-morte.

A terceira dicotomia existencial discorrida pelo autor supracitado se refere à condição de isolamento do homem. De acordo com o pensamento de Fromm (1974), os indivíduos precisam da solidão ou de um isolamento para tomadas de decisão, reflexão, entre outros aspectos; no entanto, não suportam a ideia de se afastar por completo de seus semelhantes.

Cabe ressaltar que, para Fromm (1974), as dicotomias existenciais são originárias da própria existência humana, ou seja, não são passíveis de alteração ou anulação pelo sujeito. Contudo, este indivíduo estará suscetível a tratar essas dicotomias de acordo com sua cultura e conforme seu caráter.

Ainda segundo o autor supracitado, diante das dicotomias existenciais, entre elas a primária que se refere ao ciclo entre a vida e a morte, o sujeito pode buscar em ideologias uma forma de negar e/ou apaziguar seu sofrimento. Entre estas ideologias, pode-se citar a concepção da tradição cristã sobre a imortalidade, que trata da ideia da alma imortal do homem. Assim, o sujeito não visualiza a morte como o fim de sua existência, mas como uma etapa, que não termina em sua morte física.

Neste sentido, o psicanalista alemão elucidou que com o intuito de tratar destas dicotomias existenciais, o ser humano apresenta cinco grandes necessidades existenciais: 1) necessidade de relacionamento; 2) necessidade de transcendência³; 3) necessidade de arraigamento; 4) necessidade de identidade e 5) necessidade de um quadro de orientação e devoção. O foco deste estudo se centrará na quinta necessidade existencial, que se refere ao âmbito espiritual do indivíduo e que, se associa ao contexto da experiência religiosa.

Nesse viés, a concepção frommiana concebe o ser humano em sua integralidade: corpo, mente e espírito. Diante deste paradigma integral do indivíduo,

³ O ato de transcendência se refere etimologicamente à noção de exceder, ultrapassar, elevar-se. Na perspectiva frommiana, a transcendência está associada de modo geral à capacidade do sujeito superar o seu ego.

verifica-se que uma das necessidades primordiais humanas se refere ao sentido da vida e ao sentido da própria existência. Ainda, segundo o pai da psicanálise humanista, as estruturas de orientações (fundamentadas em sistemas teístas ou não teístas, filosóficos) auxiliam o sujeito em sua busca pelo significado da vida e em muitos casos em relação ao conceito de Deus⁴.

De acordo com Fromm (1970, p. 75), “[...] sejam quais forem seus conteúdos, todos esses sistemas respondem à necessidade do homem de ter não apenas alguns sistemas de ideias, mas também um objeto de devoção que dê sentido a sua existência e a sua situação no mundo.” Por fim, o autor, destaca que sem uma estrutura de orientação (qualquer que seja ela: teísta, não teísta, ateística, agnóstica, dentre outras) que lhe seja satisfatória, o sujeito não pode viver com boa saúde mental.

Em termos gerais, para o psicanalista alemão, o âmbito espiritual é um dos principais promotores de saúde do indivíduo. Sendo assim, pode-se sublinhar que a saúde espiritual repercute na saúde física e mental do sujeito. Segundo Fromm, a experiência religiosa está intrinsecamente associada ao espectro espiritual do indivíduo e pode ser um instrumento de aperfeiçoamento das potencialidades do amor e da compaixão. Em suma, a experiência religiosa, se vivenciada de forma autêntica e receptiva, pode transcender o sujeito para uma existência mais produtiva, saudável e altruísta.

1. Uma proposta de experiência religiosa fundamentada no amor ao próximo, segundo o pensamento de Erich Fromm

A partir de uma análise das obras frommianas utilizadas neste estudo, é possível sintetizar alguns aspectos recorrentes no que tange a alguns tipos de experiências religiosas. Em primeiro lugar, é necessário esclarecer que uma dada experiência religiosa pode provocar mudanças psíquicas no sujeito, até mesmo uma ressignificação de seu caráter (Fromm, 1974). Além disso, como elucidado anteriormente, um dos fatores diferenciais neste contexto, a saber, o de experiência

⁴ Em sua obra intitulada *O Espírito de Liberdade*, Erich Fromm elucida que compreende o que a Bíblia e as pessoas religiosas querem dizer quando falam de Deus, mas afirma que não concorda com o conceito/pensamento expresso por elas. De acordo com o autor em foco, uma ideia pode ser transformada com o passar do tempo em uma ideologia, perdendo desta forma, a essência da experiência humana. Neste sentido, o psicanalista alemão discorre que: “um conceito jamais pode expressar adequadamente a experiência a que se refere. Ele a descreve, mas não é a ideia.” (FROMM, 1975, p. 20).

religiosa, será em última análise a “maturidade” espiritual do indivíduo e a sua forma de devoção.

Neste sentido, quanto à maturidade do sujeito, Fromm (1966) concorda com Freud quanto a uma certa infantilidade de alguns indivíduos. Esta crítica está atrelada à forma infantilizada com que o sujeito religioso vislumbra Deus (neurose infantil). Ou seja, esta neurose infantil está associada a uma projeção externa de um pai supremo, o qual o indivíduo pode clamar por ajuda quando se sentir ameaçado. A questão presente neste contexto não é a crença em Deus, mas como essa relação entre o indivíduo e Deus se estabelece e, sobretudo, quais são as formas com que um sujeito verdadeiramente religioso pode demonstrar sua fé e seu amor a Deus.

De acordo com Gniss, R. (2011), apesar de Fromm se declarar um “não teísta” é possível perceber que ele nunca se desvinculou da cultura judaica, principalmente da prática hassídica⁵ e do pensamento místico, sendo a mística um objeto de grande interesse do psicanalista alemão. De acordo com o pensamento frommiano, o sujeito religioso pode expressar sua crença religiosa de forma positiva, saudável e produtiva ou de forma negativa, carregada de noções equivocadas e alienadas. Ou seja, o tipo de experiência religiosa do sujeito estaria associado a sua tradição religiosa. Como visto anteriormente, a religião pode aprimorar a autonomia do sujeito ou paralisá-lo, pode torná-lo mais humano e solidário ou transformá-lo em um ser irracional.

Segundo o psicanalista alemão, a experiência possui em sua essência a noção de singularidade, isto é, a experiência vivida pelo indivíduo não pode ser transferida à outra pessoa. Para Fromm (1966), a questão primordial da experiência religiosa se refere aos impactos e efeitos provocados nos sujeitos, isto é, se positivos ou negativos. Além disso, de acordo com o nosso autor, o indivíduo deve problematizar se a sua experiência religiosa de fato está comprometida com ações concretas em favor da solidariedade e da prática do amor genuíno, não somente aos seus pares, mas a todos os seres da terra. Ainda segundo o pensamento do psicanalista alemão, o indivíduo deve expressar a sua fé ao romper com o narcisismo, e olhar o outro em sua alteridade, não por compartilhar a mesma crença religiosa, mas por ver no outro a si mesmo, e conseqüentemente a sua humanidade.

⁵ O hassidismo é considerado uma das correntes do misticismo judaico, que promove a espiritualidade e a união mística com Deus. A meta dessa união mística entre o homem e Deus é o desprendimento dos bens materiais e de quaisquer coisas que estejam associadas ao âmbito terreno e suas contingências (LEONE, 2008). A essência deste pensamento místico é tratada na obra *Ter ou Ser?*, considerada o testamento intelectual e espiritual de Erich Fromm.

Conforme elucidado por Fromm (1971), o amor a Deus, que é a expressão religiosa do amor, está vinculado à atitude do homem perante o seu semelhante. Neste viés, cabe reiterar que a expressão do amor produtivo se apresenta em diversas formas, que nem sempre são materiais. O ato de amar genuinamente uma outra pessoa implica dar e não esperar receber, não é uma troca de afetos, mas uma atividade pautada pela gratuidade e pela fé que o amor produzirá efeitos nos outros.

De acordo com o referido autor, uma experiência religiosa tem como base fundamental o amor, aqui compreendido como uma forma altruísta do ato de amar. Neste sentido, o psicanalista alemão sublinha o mandamento da tradição religiosa judaico-cristã – “ama a teu próximo como a ti mesmo” (MATEUS 22, 39) – se revela como um ideal básico expresso em todas as religiões humanistas, assim como em todas as experiências religiosas produtivas. Fromm (1966) ressalta que o fato dos grandes mestres espirituais terem exigido o ato de amar não é uma mera coincidência inter-religiosa, mas sim uma construção que coloca a fé do indivíduo à prova.

Conforme abordado no capítulo anterior, a prática de amar está associada a uma ideia de atividade interna e mútua entre os envolvidos. Neste sentido, o princípio de amar o próximo requer em primazia o amor próprio (que é diferente do egocentrismo), ou seja, não se pode amar o outro sem amar a si em primeiro lugar. Vale ressaltar que o amor próprio está associado a um autoconhecimento do indivíduo e de sua condição humana, de suas potencialidades, fragilidades e de suas necessidades existenciais. Diante destes pressupostos, o amor próprio é uma qualidade que permite ao homem aprimorar sua empatia, ao reconhecer no outro a sua própria humanidade.

Além disso, de acordo com Fromm, o mandamento bíblico de Mateus (22, 39): “Ame seu próximo como a si mesmo” deve ser interpretado como uma forma de amor produtivo, que se expressa em uma experiência religiosa racional cujo enfoque se pauta pela realidade humana, não de dominação e subserviência, mas que se orienta pela liberdade e pela razão do indivíduo verdadeiramente religioso. Dessa forma, uma experiência religiosa terá como expressão primordial o amor verdadeiro do homem a Deus, que se observará mediante o amor deste indivíduo pelos seus semelhantes. Em outras palavras, o amor a Deus “[...] consiste na habilidade de amar construtivamente, de amar sem apetites excessivos, sem submissão e sem dominação, de amar com toda a plenitude da sua personalidade, justamente como o amor de

Deus constitui símbolo de amor que nasce da força, e não da fraqueza.” (FROMM, 1966, p. 104).

Neste contexto, uma experiência religiosa deve, em primeiro lugar, gerar mudanças no caráter do sujeito: deve promover um aprimoramento da visão de mundo, instaurar a necessidade de ações práticas em vez de discursos e palavras rebuscadas desprovidas de sentido. Segundo Gniss, E. (1996), o indivíduo verdadeiramente religioso procura imitar os atos de Deus em sua vivência habitual, ao promover o amor e a justiça a todos àqueles que precisam de auxílio. Em outros termos, “[...] libertar os acorrentados, alimentar os famintos, ajudar os desajudados, são normas sempre repetidas de ação adequada, pregadas pelos profetas.” (FROMM, 1975, p. 58). A partir desta citação, o nosso autor reforça que a imitação dos atos divinos torna o homem mais parecido com Deus, além de significar, ao mesmo tempo, conhecer a Deus.

2. O Halakhah: Um dos caminhos para a prática do amor fraterno

Segundo o autor em foco, a imitação dos atos divinos aproxima o homem da imagem de Deus, não o torna deus, mas companheiro de Deus. Além disso, conforme o pensamento do autor, um dos caminhos que levam o indivíduo a conhecer a Deus é a *Halakhah*⁶. O termo hebraico *Halakhah* significa “[...] a forma pela qual caminhamos; essa forma leva a uma aproximação cada vez maior com os atos de Deus.” (FROMM, 1975, p. 144). Segundo o psicanalista alemão, a *Halakhah* (além de se referir à lei judaica) pode ser entendida como o caminho para uma vida permeada pelas práticas do bem, como o perdão, a solidariedade, o amor, entre outras atitudes.

Há alguns princípios subjacentes ao *Halakhah*, conforme salienta o autor, aspectos estes que são de suma importância para a compreensão do agir ético, ao imitar os atos de Deus. O princípio primordial é o amor pela vida, ou seja, o indivíduo que preza pela vida está ciente de que não é uma criatura acabada, pronta, mas que ainda se encontra em processo de nascimento. Deste modo, o amor à vida é uma das condições indispensáveis para o crescimento do ser humano, “também é condição

⁶ Não constitui a meta deste estudo discorrer sistematicamente sobre os princípios constitucionais da *Halakhah*. A intenção é somente apresentar a visão de Erich Fromm acerca das contribuições éticas de um caminho que leva o homem a ser capaz de imitar os atos de Deus por intermédio de ações em prol de seus semelhantes. Segundo Fromm, etimologicamente o termo hebraico *Halakhah* também pode ser descrito como “caminho”.

para amar a Deus, pois ‘não são os mortos que te louvam’, como diz o salmista.” (FROMM, 1975, p. 145).

O amor ao próximo é outro dos princípios subjacentes à *Halakhah*, defendido por Fromm como um amor universal, e não somente destinado aos indivíduos da mesma raça, tradição religiosa, cultura e nacionalidade. No pensamento do psicanalista alemão, o mandamento de amar o próximo como a si mesmo é equivalente ao amor pelo estrangeiro, conforme se lê em Deuteronômio (10, 19) apud Fromm (1975, p. 147): “Pelo que amareis o estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito.” De acordo com o autor, a questão fundamental expressa nestas passagens bíblicas é a superação do narcisismo. Essa superação se dá na medida em que o indivíduo ama o outro em sua idiossincrasia, isto é, não procura a sua semelhança no outro, pois o amor verdadeiro está para além de um reflexo de si mesmo. Esse tipo de amor genuíno, pautado pelo reconhecimento da alteridade do seu semelhante, permite amar a diferença, rompendo, desta forma, a prática do egocentrismo.

A preocupação e o amor destinado às pessoas menos favorecidas socialmente, aos pobres e excluídos, são, segundo Fromm, uma dimensão de suma importância para aqueles que pretendem trilhar o caminho. Diante deste paradigma, percebe-se que o discurso religioso deve se refletir em uma atitude concreta, ou seja, a prática deve estar condizente com o discurso. Neste prisma, pode-se concluir que:

[...] É inteiramente possível em nossa sociedade ser um bom cristão ou um bom judeu, isto é, um ser humano movido pelo amor, sem se morrer de fome. O que importa é o nível de competência e a coragem necessária para aderir à verdade e persistir no amor, em vez de desistir em nome de uma carreira, do sucesso a todo custo. (FROMM, 1986, p. 36 apud GOYA, 2000, p. 582).

A *Halakhah* é, em sua expressão maior, a imitação dos atos de Deus, que de acordo com o autor em foco se expressa pela relação do amor a Deus e do amor de Deus. Neste viés, o amor do homem a Deus e o amor de Deus para com o homem são inseparáveis no pensamento bíblico. Em outros termos, o amor de Deus se mostra um exemplo para o homem amar e desenvolver a compaixão por seu semelhante. Fromm (1975) ressalta que apesar de variados trechos bíblicos elucidarem a noção de um Deus da justiça, há outros que frisam a compaixão divina e o seu amor ao homem. Como exemplo deste amor de Deus pelo homem, o autor recorre ao trecho bíblico do profeta Isaías: “[...] Buscaram-me os que antes não perguntavam por mim; acharam-

me os que não me buscaram. A uma nação que não invocava o meu nome eu disse: Aqui estou, aqui estou.” (ISAÍAS, 65:1 apud FROMM, 1975, p. 149).

Em suma, de acordo com o psicanalista alemão, a *Halakhah* é expressa em sua formulação mais fundamental pelos Dez Mandamentos, que segundo a tradição judaico-cristã foram confiados a Moisés pelo próprio Deus no monte Sinai. Posteriormente, na tradição pós-bíblica, a lei bíblica foi desenvolvida e ampliada para abarcar a amplitude das atividades do homem. Segundo Fromm, o processo de desenvolvimento da lei bíblica é atribuído a Maimônides (aprox. 1135-1204), rabino, filósofo e místico de origem judaica. Maimônides codificou a lei bíblica em sua obra “O guia dos perplexos”, na qual elucidou 613 mandamentos⁷ presentes no Pentateuco (os cinco livros atribuídos a Moisés). O aspecto central da codificação realizada por Maimônides é a de que a *Halakhah* deve abarcar todas as esferas da atividade humana, sendo um guia para o caminho da justiça e do amor, que em sua finalidade “[...] procura impregnar a atividade humana de um certo espírito – o da imitação de Deus.” (FROMM, 1975, p. 153).

3. Caminhos do autoconhecimento: a experiência religiosa e seus elementos existenciais

Diante destas proposições, o nosso autor esclarece que um dos caminhos para se conhecer a Deus está associado às práticas de justiça, amor e compaixão, orientadas em prol do outro, sob um espírito de fraternidade. Neste sentido, uma experiência religiosa possui, segundo Fromm, algumas características peculiares, que configuram as atitudes do indivíduo religioso. Isto é, a experiência religiosa na perspectiva frommiana, não se mantém somente no âmbito do pensamento e do discurso, ela instaura no indivíduo a necessidade de praticar o bem, de ser o abraço e o conforto de Deus através da expressão de sua produtividade.

Neste contexto, o comentador frommiano, Amando Robles (2004) corrobora o pensamento frommiano ao sublinhar que uma experiência religiosa (seja ela teísta ou não teísta) se fundamenta em cinco aspectos essenciais que irão produzir efeitos nos indivíduos que a praticam:

⁷ Vale esclarecer que os 613 mandamentos codificados por Maimônides não serão expostos neste trabalho. A codificação da lei judaica foi citada somente como forma de complementação do tema tratado. Caso necessário, recomenda-se a leitura da obra *O guia dos perplexos*, de autoria de Maimônides e recentemente editada para a língua portuguesa pela editora Sêfer.

a) Experimentar a vida como um problema, como uma “questão” que necessita de uma resposta. b) Uma hierarquia de valores de acordo com as necessidades humanas. c) Um processo constante de transformação interior e de se fazer parte do mundo no ato de viver. d) Um desprendimento do próprio ego, das cobiças e com elas dos temores. e) Uma experiência de transcendência (ROBLES, 2004, p. 37).

Segundo o pensamento de Fromm (1975) a experiência religiosa, também denominada por ele como “experiência x” está associada sobretudo à vivência produtiva do indivíduo. Neste sentido, o pai da psicanálise humanista sublinha cinco aspectos essenciais que devem permear a experiência religiosa, instaurando dessa forma, o início do aprimoramento espiritual do sujeito religioso.

No que se refere ao primeiro aspecto da “experiência x”, o nosso autor compreende que o sujeito religioso neste contexto, apesar de sentir a vida como um problema que exige uma resposta, não sofre de um desamparo (pelo menos consciente) no que tange às dicotomias existenciais. A pessoa integrada neste tipo de experiência busca o sentido de sua vida em variadas formas: no trabalho, nas atividades prazerosas, em seu viver ético, entre outras.

O segundo aspecto da “experiência x” está associado aos valores que o indivíduo religioso integra em sua prática cotidiana ao aprimorar as potencialidades da racionalidade, do amor, da compaixão, da coragem. Isto é, neste raciocínio, todas as atividades ditas “mundanas” são perpassadas por estes valores espirituais durante a prática da arte de viver. A arte de viver pode ser definida pela vivência ética do indivíduo, que é pautada pela razão e pelo amor ao outro⁸, um amor que compreende e saúda a alteridade do outro enquanto pessoa humana.

No que concerne ao terceiro aspecto da “experiência x”, nota-se a transformação interior do indivíduo, expressa em sua maneira de viver. A experiência religiosa possui como meta fundamental: ajudar e possibilitar o aprimoramento do homem no que tange à sua humanização. Isto é, a “experiência x” conduz a ressignificação do indivíduo ao promover os ideais do bem viver, a conscientização de suas limitações e potencialidades, de forma que a sua existência no mundo pode ser aprimorada mediante uma constante autotransformação produtiva.

A quarta característica da “experiência x”, pode ser descrita como a superação do egocentrismo, um esvaziamento de si mesmo, de suas concepções dogmáticas (que

⁸ No pensamento frommiano, o termo outro se refere à diversidade constitutiva de cada sujeito, ou seja, este termo reforça o sentido da alteridade de cada ser humano.

neste caso expressam posicionamentos inquestionáveis, irrefutáveis; em última análise, uma verdade absoluta). A noção do esvaziamento, diferentemente do pensamento ocidental tradicional, não está associada neste contexto a um viés negativo, pelo contrário, está vinculada a uma perspectiva positiva e construtiva. O esvaziamento, na “experiência x”, se orienta pelo desnudamento⁹ do sujeito, enquanto um ser receptivo, para desta forma sentir o outro em sua singularidade. Em outras palavras, “[...] se não conseguimos nos esvaziar, como poderemos responder ao mundo? Como poderemos ver, ouvir, sentir, amar, se estivermos cheios de nosso próprio ego, se formos levados pela cobiça?” (FROMM, 1975, p. 52).

A quinta premissa conceitual da “experiência x” é concebida por nosso autor pela concepção de transcendência, que na maioria das vezes é associada a um movimento rumo ao transcendente. No viés defendido por Fromm, a ideia de transcendência do indivíduo está direcionada ao afastamento e ao abandono do egoísmo e do isolamento, isto é, um estado em que o homem é capaz de abdicar de seu narcisismo e se direcionar aos aspectos espirituais sublimes. Assim, a transcendência é, de modo geral, um aprimoramento espiritual do indivíduo, que se pauta pelo rompimento do narcisismo e do isolamento. O ato de transcender, para o nosso autor, é compreendido como uma experiência do indivíduo, que pode ser um movimento em direção a Deus (no caso teísta) ou à autotranscendência. Em termos gerais, para Fromm, o aspecto essencial da transcendência será o esvaziamento (produtivo) de si mesmo.

Neste viés, a experiência religiosa na perspectiva frommiana, é capaz de instaurar no sujeito um abandono das tendências necrófilas e destrutivas. Em outros termos, esta experiência, quando verdadeiramente pautada pela união e pelo amor, proporciona ao homem o amor à vida. (FROMM, 1975).

Ao se analisar o pensamento frommiano, é possível constatar que do mesmo modo que o amor é concebido como arte, a “experiência x”, no sentido expresso anteriormente, também pode ser referida como uma arte. Neste prisma, Robles (2004, p. 38) explicita o pensamento frommiano ao salientar que a “arte da experiência religiosa” possui como requisitos necessários e essenciais a “[...] disciplina, concentração, paciência, preocupação, processo e fé”. Diante destas

⁹ O termo desnudamento, neste viés, está associado à ideia de um receptáculo, que necessita estar vazio para que possa receber novos conteúdos. Isto é, o indivíduo deve estar receptivo a novas experiências e despojar-se de concepções arraigadas, que não permitem o seu aperfeiçoamento espiritual.

proposições, percebe-se que o indivíduo será o protagonista e responsável por seu aprimoramento na arte de viver, que pode ser descrita como uma constante e profunda transformação interior, que impactará a interação entre o sujeito e o mundo que o cerca.

O processo da arte, seja ela no âmbito do amor ou da experiência religiosa, está diretamente interligado ao conceito de que o homem está em constante mudança e que as suas relações e escolhas são construídas a cada pequena decisão de sua vida. Assim, aquele que pretende se tornar um mestre na arte de amar e igualmente um mestre espiritual, deve se atentar aos requisitos primordiais apontados anteriormente. Do mesmo modo que o amor é elucidado por Fromm como uma atividade interna e produtiva do sujeito, a experiência religiosa também deve ser vivida com a mente e com o coração. Esta experiência, em última análise, no caso de uma experiência religiosa teísta, deve propiciar a saída do sujeito de seu narcisismo e, assim, auxiliar o seu encontro com o outro ser humano e com Deus.

Conclusão

Diante das considerações frommianas acerca da experiência religiosa, é possível sublinhar um de seus principais elementos estruturantes: a transcendência. A transcendência neste contexto não se reduz a uma conotação religiosa, antes disso, se refere a um movimento espiritual do sujeito em direção à superação do egocentrismo, condição que impede a prática do amor fraternal genuíno. Não é possível amar verdadeiramente se não houver uma atitude diante dos questionamentos da própria existência, e a experiência religiosa pode ser concebida como um dos caminhos para a autorreflexão.

Neste sentido, a experiência religiosa deve ser entendida como um dos caminhos para o aprimoramento espiritual do indivíduo. Esse aprimoramento, de acordo com o pensamento frommiano deve estar associado à difusão do amor, da solidariedade, instaurando assim a *Imitatio Dei* (do latim, a imitação de Deus). Assim, o aperfeiçoamento espiritual do homem só poderá se concretizar de fato, se houver a harmonia entre o discurso e a prática, ou seja, o aperfeiçoamento do âmbito espiritual está interligado ao movimento de transcendência do ego.

O amor autêntico, em quaisquer de suas tipologias (amor próprio, amor fraterno, amor a Deus, entre outros), só poderá se desenvolver na ausência do



egocentrismo. Não há a possibilidade do amor genuíno, cuja essência é a gratuidade, se manifestar em um indivíduo egocêntrico; o amor verdadeiro possui como seu núcleo o altruísmo. Em outros termos, o amor genuíno quando difundido ao outro, não exige retorno, a sua constituição é de pura gratuidade. Sendo assim, a experiência religiosa permite ao indivíduo sair de seu narcisismo, propiciando o aperfeiçoamento de suas potencialidades para amar verdadeiramente; amor que se expressará mediante as suas atitudes diante da vida e com seus semelhantes.

Referências

- FROMM, E. **Análise do homem**. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- FROMM, E. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1971.
- FROMM, E. **O espírito de liberdade: uma interpretação radical do velho testamento e de sua tradição**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- FROMM, E. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- FROMM, E. **Psicanálise e religião**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1966.
- GNISS, E. Uma noção dinâmica de caráter da pessoa segundo a psicologia de Erich Fromm. **Grande Sinal: revista de espiritualidade**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 3, p. 319-343, 1996.
- GNISS, R. Erich Fromm da Psicanálise Social à religião humanista. In: GNISS, R. R. **K. Mudar a educação a partir do pensamento de Erich Fromm**. Goiânia: Kelps, 2011. p. 33-45.
- GOYA, W. A utopia política de Erich Fromm: a pedagogia do amor universal. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 3, p. 573-592, 2000.
- LEONE, Alexandre. Torá, mística e razão em Heschel. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2008. Disponível em:
<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1595/1682>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
- MATEUS. In: **Nova Bíblia Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2014.
- ROBLES, A. Dios y religion en Erich Fromm: elementos para una nueva teologia. **Revista Ecumenica: servicio de informacion teológica**, Costa Rica, v. 1, n. 2, p. 9-42, 2004.

Recebido em: 04/05/2019
Aceito em: 06/06/2019